



HAL
open science

Nos passos de Fernando Pessoa: o caminho da professora Yvette Centeno pela floresta dos símbolos

Ana Maria Binet

► **To cite this version:**

Ana Maria Binet. Nos passos de Fernando Pessoa: o caminho da professora Yvette Centeno pela floresta dos símbolos. A arte da cultura: homenagem a Yvette Centeno, Edições Colibri, 2011, 978-9896890681. hal-03102900

HAL Id: hal-03102900

<https://u-bordeaux-montaigne.hal.science/hal-03102900>

Submitted on 7 Jan 2021

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Nos Passos de Fernando Pessoa : o caminho da Professora Yvette Centeno pela floresta dos símbolos

Ana Maria de Albuquerque Binet

(Cátedra de Estudos Portugueses - Université Michel de Montaigne - Bordeaux III)

Sem transformar este texto de homenagem à minha querida professora e grande amiga Yvette Centeno numa evocação digna de um antigo combatente da grande guerra da carreira universitária, queria começar por relembrar uma das primeiras imagens que tenho da Yvette (passo a referir-me a ela desta maneira simplificada e informal que é a da amizade). Essa imagem é a de uma jovem assistente, alta, loura e de olhos claros, o que por si só a distinguiu da maior parte das outras professoras, mas que tinha além disso a fama de ser um dos elementos mais brilhantes da então (e sempre) nova geração de assistentes. O panorama da Faculdade de Letras da Universidade Clássica, onde fui sua estudante de Germânicas (não direi datas, porque elas tornariam completamente inúteis as minhas tentativas para não parecer irremediavelmente senior), era naquela época (*o illo tempore* dos mitos que a Yvette estudou) dominado por figuras de alta craveira que ficaram nas memórias de todos aqueles que os conheceram: para nós, estudantes, e ainda para mais caloiros, ficou também a boina estilo *landais* do Professor Vitorino Nemésio, de quem tínhamos um medo terrível, não por causa da boina, mas das más notas que ele distribuía como tantos rebuçados amargos (eu tive imensa sorte, pois ele descobriu que eu tinha “o sentido da história “ o que me valeu um 15 e a obrigação moral de o provar até hoje). Ficou-nos igualmente na memória a toga virtual, mas que nós **víamos** quando o professor Monteiro Grilo entrava no anfiteatro com o seu *look*, diriam os estudantes agora, de senador romano. Deixou-nos ele um dia, depois da aula de Fonética geral (que não parecia entusiasamá-lo sobremaneira, o que também não era de admirar) para ir, três horas depois, ao encontro do seu destino na Baixa, lugar simbolicamente apropriado à sua qualidade, para nós então desconhecida, de poeta. E que dizer do Padre Manuel Antunes, cujas sebatas aprendíamos de cor, pois não tínhamos o nível suficiente, naquele primeiro ano de estudos universitários, para ingerir cabalmente uma matéria tão difícil (matéria, aliás, impossível de imaginar no primeiro ano da nossa Universidade actual)? Tal como ele, o Professor Lindley Cintra (ai aqueles olhos verdes, ou cinzentos?, do Professor Lindley Cintra!), além de ser objecto da nossa admiração pela sabedoria que era a dele,

aparecia-nos aureolado pelas narrativas que circulavam sobre a oposição que, ele e o P.e Manuel Antunes (ainda por cima um padre!), entre outros, tinham tentado exercer à entrada da polícia na Faculdade, assumindo as consequências, digamos eufemisticamente desagradáveis, de tal desaforo (isto tinha sido uns anos antes do nosso ingresso). Considerávamo-los, pois, como heróis de uma epopeia moderna, triste epopeia, a de um país mergulhado numa “austera, apagada e vil tristeza”.

“Não mais, Musa, não mais”, que não vim aqui para falar do triste fado, mas para pôr a minha memória e o meu fraco engenho ao serviço da alegria de honrar uma personalidade excepcional no panorama universitário português, e não só, pois marcou a mente e o coração de muitos amigos e discípulos além-fronteiras. Sou um desses discípulos, e sê-lo-ei sempre, eu, cujo trabalho consiste, em grande parte, em tentar impôr a cultura que é a nossa, aquela que tem por pátria a língua portuguesa, num país que nem sempre se mostra particularmente receptivo às vozes que vêm de além-fronteiras, a França. Esta pátria que é a língua portuguesa une-nos muito especialmente, a Yvette e eu, porque ela é para nós a de um grande poeta com quem vivemos muito tempo, ela muito mais e muito melhor do que eu, e que não abandonaremos nunca, o Fernando Pessoa. Foi à Yvette Centeno que me dirigi, quando, tendo vivido num contexto familiar que me predispunha a interessar-me por esse tipo de questões, o meu Pai, António de Almeida Lima Chaves Cruz, tendo sido um dos membros fundadores da Sociedade Teosófica em Portugal, comecei a pensar fazer uma tese sobre os aspectos esotéricos da obra do grande poeta. Com a generosidade que a caracteriza, a Yvette acompanhou o meu percurso “nos passos de Pessoa”, percurso que foi também “nos passos de Yvette Centeno”. Depois da tese, fui dando outros passos, um dos últimos tendo sido a minha Agregação na Universidade de Bordéus, onde a Yvette, sempre fiel, se deslocou, numa época em que o seu estado de saúde não aconselhava tal façanha, para fazer parte do meu júri, ao lado de outro amigo comum e fiel, o Antoine Faivre, grande especialista do esoterismo ocidental.

A “Floresta dos Símbolos” presentes na obra pessoana foi com efeito percorrida de modo precursor pela Yvette, tendo eu sido um *petit poucet* que seguiu as marcas por ela deixadas, tentando penetrar o mais fundo possível na galáxia que a obra pessoana constitui. Foi esta a nossa maneira de organizar essa galáxia, dando-lhe um sentido adicional, e, a nosso ver, essencial: partindo da interpretação dos textos, mergulhando na sua polissemia, graças a uma longa e minuciosa hermenêutica, foi assim possível operar uma clarificação, sempre relativa, no caso de Pessoa, de certas obscuridades na obra polígrafa do poeta de *Mensagem*.

Do Graal à alquimia, do hermetismo à iniciação, da magia à Maçonaria, Yvette Centeno percorreu com efeito o caminho dos símbolos que atravessa de par em par a obra pessoana. Desde *Fernando Pessoa. Tempo, Solidão, Hermetismo* (Lisboa, Moraes Ed., 1978), onde se baseia nos trabalhos de C. G. Jung sobre a alquimia, Yvette tenta reconstituir o percurso espiritual de Pessoa, dando uma especial atenção às leituras deste último, particularmente às dos livros sobre o domínio esotérico que possuía na sua biblioteca. O estudo e a publicação de numerosos textos inéditos (sobre Alquimia, Rosa-Cruz, Maçonaria, Iniciação, entre outros) constituíram uma contribuição essencial para o conhecimento da obra pessoana, e uma abertura, de que beneficiei, para os pesquisadores que continuaram nas suas pegadas.

Em *Fernando Pessoa: o Amor, a Morte, a Iniciação* (Lisboa, A Regra do Jogo, 1985), Yvette sublinha o interesse do poeta pela filosofia hermética, e publica varios textos inéditos, tal como em *Fernando Pessoa e a Filosofia Hermética* (Lisboa, Presença, 1985). Em *Fernando Pessoa : Os Trezentos, e Outros Ensaio*s (Lisboa, Presença, 1988), conjunto de textos então inéditos, Yvette analisa os escritos pessoanos que se referem à Ordem do Templo. Um livro de síntese é publicado em 1990 (Lisboa, Etc), intitulado *O Pensamento Esotérico de Fernando Pessoa*. Outras publicações, de que não vou fazer aqui a lista, marcarão, ao longo dos anos, o percurso pessoano de Yvette.

O seu mérito é tanto maior quanto é extremamente difícil analisar os textos pessoanos relacionados, de uma maneira ou doutra, com o esoterismo. Essa dificuldade provém, de modo geral, do carácter inacabado, obscuro, fragmentário de muitos deles. Mas também do carácter múltiplo, paradoxal, mistificador de Fernando Pessoa, com suas opiniões variáveis segundo a assinatura heteronímica, posições frequentemente contraditórias, consoante as personagens pessoanas em cena. Torna-se difícil, nestas condições, não nos perdermos no labirinto que constitui a sua obra.

Seguindo, uma vez mais, os passos de Yvette Centeno, proponho-me falar agora brevemente, apenas como um pequeno presente, bem insignificante, para ela, do conceito de Quinto Império na obra de Pessoa e da relação entre esse conceito e o domínio do esoterismo, do qual o poeta de *Mensagem* tirava grande parte da sua inspiração. Mas também do Quinto Império como dádiva do poeta ao seu país, como Mito que, esperava ele, operaria uma transmutação na História de Portugal, mas também na sua própria, transformando o seu desassossego essencial em encontro apaziguador com o fim do caminho.

Para tal, começaremos por mencionar o abade cisterciense Joaquim de Flora (1135-1202), cujos escritos testemunham um velho sonho, o da paz universal milenar. Com efeito, na sua obra *Concórdia dos Dois Testamentos*, ele anuncia a vinda da Idade do Espírito, governada pelas ordens monásticas e caracterizada pela paz e a felicidade que estas últimas farão reinar no mundo. Com o tempo, o joaquimismo vai sofrer a influência de certas correntes esotéricas (astrologia, cabala, alquimia), como se pode verificar, por exemplo, na obra de Raimundo Lullo (1235-1315), filósofo catalão, autor de uma *Ars Magna*, e, mais tarde, na de Pico della Mirandola (1463-1494).

Em Portugal, a influência do joaquimismo vai penetrar sobretudo através dos franciscanos e não é de forma alguma estranha ao que poderíamos chamar a «mística dos descobrimentos», de que há testemunhos, por exemplo, na correspondência de D. Manuel I. Esta esperança numa Idade do Espírito, de que Portugal seria o principal artesão, vai caracterizar as *Trovas* de Gonçalo Annes Bandarra (1500-1566), que profetizam a vinda de um rei Encoberto português, o qual se encontrará à cabeça de um Império onde reinarão a paz e a harmonia entre as diferentes religiões. Esse rei Encoberto em breve será nomeado como sendo o jovem monarca D. Sebastião, morto em 1578 na tristemente célebre batalha de Alcácer-Quibir. Futuro Imperador do Mundo, ele iria enfim realizar a missão espiritual a que Portugal se julgava votado desde Ourique. Com efeito, quanto mais o país se afundava na situação inglória de uma submissão cada vez maior a Castela, tanto mais prosperava o sonho louco da volta desse rei Encoberto e do início de uma era de paz cristã e universal. Em 1624, Manuel Bocarro Francês, alquimista, médico, astrólogo e matemático, prediz no poema *Anacefaleosis da Monarquia Lusitana* o advento do Império Universal liderado por Portugal. O Padre António Vieira guia-se pelas mesmas esperanças que expõe na sua *História do Futuro – Esperanças de Portugal – Quinto Império*, cujos textos ele escreveu a partir de 1649, e anuncia a chegada do Encoberto para 1666. No século XVIII, o Marquês de Pombal tenta acabar com essas quimeras, de que ele considera principais culpados, os jesuítas. Mas elas regressam, numa época em que a independência de Portugal se encontra de novo em perigo, o das invasões francesas (1807-1810).

Podemos, portanto, afirmar que este mito de um Império Universal português é uma constante da história da nação lusitana ao longo dos séculos. De certo modo, ele evoca um desejo de retorno ao paraíso perdido, a esperança numa forma de redenção colectiva. É o Império de Cristo, o Reino do Espírito Santo, o reflexo temporal de um modelo de perfeição absoluta que se tenta atingir neste mundo. É o Quinto Império, o Império de Deus que, consoante a interpretação feita por Daniel do sonho do rei da Babilónia, Nabucodonosor, sucederá aos

quatro grandes impérios terrestres : o Assírio, o Persa, o Grego e o Romano. Esse Quinto Império, que, segundo Vieira, durará “mil anos ou muitos mil que o Mundo há-de durar” (Vieira, 1982: 12), vai, pois, buscar as suas origens às profecias bíblicas e ao Apocalipse de S. João, onde encontramos a noção de Fim dos Tempos, de fim da História. Segundo Joaquim de Flora, que nele se inspirou, Cristo governaria então a humanidade através de um Imperador do Mundo e do Papa Angélico. A este conceito de Imperador do Mundo se vai ligar o mito do rei ressuscitado, também de raiz milenarista. Esse rei ressuscitado dirigirá, em nome do Cristo, a verdadeira teocracia em que consistirá, efectivamente, o Quinto Império. Os homens receberão então a graça crística, e o templo de Jerusalém será reconstruído. O mundo sofrerá uma transformação essencial, em que as suas imperfeições, fonte de sofrimento para a humanidade, serão abolidas. Num contexto cultural português considera-se que uma idade de ouro cristã começará então, na qual Portugal terá um papel determinante, atendendo à crença segundo a qual o Imperador do Mundo será um rei de Portugal.

Esta tradição foi retomada por Vieira, como já vimos, e exposta com um talento que a alçou, para lá da inexorável passagem do tempo, a um estatuto de mito incontornável da história da cultura portuguesa. Esta é a fonte onde Fernando Pessoa, alguns séculos mais tarde, vai estancar a sede de um grande sonho capaz de elevar Portugal acima de uma mediocridade ambiente, contra a qual ele tentou sempre lutar. A sua índole melancólica encontrava quiçá um bálsamo no discurso profético de Vieira. O amor da pátria, comum aos dois autores, tornara-se particularmente forte durante a fase de “exílio” vivida por ambos. Nos países longínquos para onde a vida os levou, eles sonharam uma pátria cujas cores não correspondiam àquelas com que depararam aquando desse regresso que representou para eles uma nova forma de exílio. O refúgio nesse sonho de um futuro grandioso para um país que, na realidade, não dava sinais de uma transformação radical, nem no século XVII, nem tão pouco nos primórdios do século XX, foi uma maneira de compensar uma profunda decepção. Em Vieira, ela não excluiu a acção; em Pessoa, ela foi sobretudo um incentivo para transformar em poesia um desejo que se manteve sempre vivo. Vieira foi um combatente, enfrentou essa realidade que pretendia modificar; Pessoa evitou essa confrontação, ou só muito esporadicamente a aceitou. A sua obra é, simultâneamente, o manifesto da sua luta e o lugar onde ela se trava. A criação literária constitui para Pessoa a única realidade, e é através dela que ele vai tentar operar a transformação essencial que permitirá a realização de um destino glorioso para Portugal. No centro desse projecto vamos encontrar Lisboa, mas uma Lisboa interiorizada, onde corre um rio metaforizado, cujo fluxo estabelece um elo fundamental entre o Império passado, herdeiro dos Descobrimentos, e o único Império

possível no presente, o que aponta para um futuro utópico. Deste modo, Fernando Pessoa vai assumir plenamente o papel do vate, poeta-profeta visionário cuja função considera sagrada. Assim, ele vê D. Sebastião, o Rei Encoberto, regressar (“E em mim [...] / Vejo entre a cerração teu vulto baço / Que torna”), e a névoa em que Portugal se encontra envolto cessar (“Surges ao sol em mim, e a névoa finda”) (Pessoa, 1967a: 72) na revelação do destino imperial de Portugal é interessante notar que, por um processo de interiorização, o poeta e o seu país se encontram unidos numa mesma epifânia. Fernando Pessoa é esse Encoberto que tenta romper por entre as névoas que o envolvem para aceder à luz, ao conhecimento do seu próprio ser e da verdadeira identidade de Portugal. Projecto louco talvez, mas “sem a loucura que é o homem” (*Idem*: 42) ? É pelo sonho que o homem atinge a sua verdadeira dimensão, que ele entrevê uma realidade outra, que torna esta mais difícil de aceitar (“Ser descontente é ser homem”). O dever do poeta, a sua missão, é precisamente testemunhar dessa “visão que a alma tem” (*Idem*: 82-83), deixá-la inundar todo o seu ser e tornar-se a sua principal razão de viver : “Só te sentir e te pensar / Meus dias vácuos enche e doura” (*Idem*: 93). Cheio desse desejo místico, o poeta espera o momento em que se dará a revelação à nação, que será, ao mesmo tempo, uma revelação de si a si mesmo (“Quando virás, ó Encoberto, [...] Tornar-me mais que o sopro incerto / De um grande anseio que Deus fez ?”). A reconciliação consigo próprio, que o poeta não pode senão esperar, ou recordar como um apanágio do paraíso perdido da infância, reside potencialmente nesse sonho a que todo ele se submete e se identifica :

Ah, quando quiserás, voltando,
Fazer minha esperança amor ?
Da névoa e da saudade quando ?
Quando, meu Sonho e meu Senhor ? (*Idem*: 94)

D. Sebastião, sonho do poeta, voz-eco da sua própria voz, pode assim ser considerado como personagem integrante da galáxia heteronímica, desse “constelado de forma e de visão” (*Idem*: 92)¹ que é a obra pessoana. O Quinto Império torna-se, por sua vez, “um imperialismo de poetas”(Pessoa, 1979: 240), de que *Mensagem* é, de certo modo, o manifesto. Marcado pela pluralidade, como não podia deixar de ser, o Quinto Império pessoano define-se como um Império espiritual, o do cumprimento da promessa de Ourique, e um Império cultural em

¹ É nestes termos que Pessoa designa a obra de António Vieira, a quem ele dedica este poema de *Mensagem*. No entanto, eles podem-se aplicar à sua própria obra.

que domina a cultura portuguesa e os seus expoentes máximos, os poetas. Só esse Império será capaz de arrancar o país ao “fulgor baço da terra / Que é Portugal a entristecer” (Pessoa, 1967: 104), a esse nevoeiro que o esconde e isola do resto do mundo ocidental.

Estamos aqui perante uma filosofia providencialista da história, que coloca Deus na origem dos destinos da nação e que considera D. Sebastião como o Seu enviado, participando assim da própria natureza divina: “É O que eu me sonhei que eterno dura, / É Esse que regressarei.”(Idem: 81). Há, pois, uma coerência entre estes versos e a quadra final do poema *Quinto Império*, poema escrito após a publicação de *Mensagem* :

Aquele inteiro Portugal,
Que, universal perante a Luz,
Reza, ante a Cruz universal,
Ao Deus Jesus (Pessoa, 1987: 34)

Trata-se obviamente da mesma súplica, esta que é aqui endereçada a Jesus e as que, na obra *Mensagem*, são dirigidas a D. Sebastião. E a Luz divina é igualmente aquela que dissipará o nevoeiro que esconde o Rei Encoberto aos olhos da nação portuguesa. Aliás, D. Sebastião aparece, numa nota isolada, como *o homem, a esperança, o símbolo, o Mestre, o Cristo*, numa progressão ascendente do humano para o divino.² O seu valor simbólico é tal para o poeta de *Mensagem* que ele o identifica a um tempo a Portugal, a Cristo e a si próprio, Fernando Pessoa.

Figura essencialmente redentora, D. Sebastião encontra-se indissolúvelmente associado a essa alvorada do Quinto Império que transformará, concomitantemente, Portugal e o resto do mundo³. A essa figura se identifica pois, Fernando Pessoa, considerando-se assim como um intermediário, um novo Rei Encoberto, cuja missão seria a de fundar neste país pobre e decadente, à beira-mar situado, de costas voltadas para a Europa, um Quinto Império espiritual e cultural. Este idealismo nacionalista foi considerado por alguns dos seus exegetas, tal como João Gaspar Simões, como um produto do “espírito primitivo” [sic] dos poetas (Simões, 1973:629). Para o primeiro biógrafo de Fernando Pessoa, a verdadeira mensagem do poeta aos seus conterrâneos é a que demonstra a necessidade para Portugal de receber do estrangeiro elementos que fecundem a sua cultura (Pessoa é um exemplo evidente dessa fusão

² (Pessoa, 1986:693) : “1. King Sebastian – the man. 2. King Sebastian – the hope. 3. King Sebastian – the symbol. 4. King Sebastian – the Master. 5. King Sebastian – the Christ.”

³ Idem: 710.

intercultural) e não a que pretende incitar os Portugueses a partir à impossível conquista cultural da Europa (*Idem*: 644). A visão de Pessoa era, evidentemente, completamente irreduzível a esta opinião de Gaspar Simões, como o demonstram, entre outras, as seguintes palavras, escritas a propósito do sebastianismo :

Mas, para interesse dos leitores, não é talvez mal cabido explicar qual a data marcada para o Grande Regresso, em que a Alma da Pátria se reanimará, se reconstituirá a íntima unidade da Ibéria, através de Portugal, se derrotará finalmente o catolicismo (outro dos elementos estrangeiros entre nós existentes e inimigo radical da Pátria) e se começará a realizar aquela antemanhã ao Quinto Império. (Pessoa, 1979: 191)

Esse sonho louco de uma Península Ibérica reunida sob o pendão português, que António Vieira acalentara igualmente, prenuncia a realização efectiva e total do Império universal encabeçado pelos Portugueses. Finalmente, tudo acaba em poesia e “a madrugada irreal do Quinto Império / Doira as margens do Tejo.” (Pessoa, 1967: 92).

Cruzada poética, assim poderíamos denominar, pois, essa luta pela vitória de um Quinto Império da língua e cultura portuguesas sobre as das restantes nações. Os soldados, ou melhor, sacerdotes que nela se empenham, arvoram a Cruz de Cristo, novos Templários partindo à conquista de uma outra Jerusalém :

E outros, e outros, gente vária,
Oculto neste mundo misto.
Seu peito atrai, rubra e templária,
A Cruz de Cristo.

Glosam, secretos, altos motes,
Dados no idioma do Mistério –
Soldados não, mas sacerdotes,
Do Quinto Império. ⁴

⁴ Fernando PESSOA, « Quinto Império », in *Obra poética*, op.cit., p.32.

Essa nova Jerusalém aparecerá em todo o esplendor da luz matinal, após a noite que foi necessário vencer, ultrapassar, revivificando as suas possibilidades latentes :

E assim, passados os quatro
Tempos do ser que sonhou,
A terra será teatro
Do dia claro, que no átrio
Da erma noite começou. (Pessoa, 1967b: 83)

Profeta dos novos tempos, Pessoa insistiu incansavelmente sobre a necessária espiritualidade do Império que anunciava : “Todo o Império que não é baseado no Império Espiritual é uma Morte de pé (...). Só pode realizar utilmente o Império Espiritual a nação que for pequena, e em quem, portanto, nenhuma tentação de absorção territorial pode nascer”. Quando ela nasce, está evidentemente votada ao insucesso, como aconteceu após os Descobrimentos : “as descobertas nos levaram a tentar realizar um imperialismo de Matéria, que não tínhamos gente para impor”(Pessoa, 1979: 225-26). No entanto, as descobertas implicaram também uma influência cultural inegável, de que Portugal se pode orgulhar :

Portugal surgiu definitivamente na civilização europeia pelas descobertas, e as descobertas são um acto cultural ; mais que um acto cultural, são um acto de criação civilizacional. Criámos o mundo moderno ; porém a nossa primeira descoberta foi descobrir a ideia de descoberta (*Idem*: 223).

Pouco atreito a tomadas de posição públicas, Pessoa abriu, contudo, uma excepção reiterada a propósito do seu conceito de Quinto Império. Começou por expô-lo numa entrevista dada a António Alves Martins, na *Revista Portuguesa* (Pessoa, 1923). Nela declara que “só duas nações – a Grécia passada e o Portugal futuro – receberam dos deuses a concessão de serem não só elas mas também todas as outras”. Assim, a Grécia e Portugal – dois pólos civilizacionais, ligado um aos primórdios da Europa, associado o outro ao futuro glorioso da mesma Europa, à sua apoteose final – constituem uma síntese cultural que resume o percurso

histórico do velho continente. Literariamente, “o passado de Portugal está no futuro”⁵ e o grande “cantor” dos altos feitos dos Portugueses ainda não chegou. À pergunta do entrevistador sobre “o futuro da raça portuguesa”, Fernando Pessoa responde, sem hesitar, “O Quinto Império”. E continua : “O futuro de Portugal – que não calculo, mas *sei* – está escrito já, para quem saiba lê-lo, nas trovas do Bandarra, e também nas quadras de Nostradamus. Esse futuro é sermos tudo”.⁶ Associando, como sempre o fará, numa mesma esperança a glória espiritual e cultural do país, o poeta declara-se adepto das profecias do Bandarra, a quem dedicará um poema de *Mensagem*, e aponta-nos para a necessidade de aparecer em Portugal um grande “cantor” da pátria, capaz de “ser tudo” e de se enquadrar assim nessa expansão extraordinária da cultura lusitana. E que outro poeta, senão ele próprio, se definirá por um movimento centrífugo e multiplicador da alma que o coloca em sintonia com essa apoteose do génio nacional ?

Respondendo a um inquérito de Augusto da Costa sobre o tema “Portugal – Vasto Império”, publicado no *Jornal do Comércio e das Cónias* em 1926, Pessoa declara :

Somos, por índole, uma nação criadora e imperial. Com as Descobertas, e o estabelecimento do Imperialismo Ultramarino, criámos o mundo moderno [...]. Nas mais negras horas da nossa decadência, prosseguiu, sobretudo no Brasil, a nossa acção imperial, pela colonização ; e foi nessas mesmas horas que em nós nasceu o sonho sebastianista, em que a ideia do Império Português atinge o estado religioso. Portugal tem pois condições orgânicas para ser uma grande potência construtiva ou criadora, um Império (*Idem*: 708-9).

Alega seguidamente que não “há mester que se diga, também, em que consistiria presumivelmente essa criação portuguesa, qual será o sentido e o conteúdo desse Quinto Império”(Ibid). Criadores de civilização numa primeira fase, os Portugueses continuarão essa missão numa fase futura, segundo um esquema providencial que o poeta não desenvolve ainda. Apenas conclui afirmando de novo a certeza que é a sua, e segundo a qual um dia “se

⁵ Como um eco destas palavras nos surgem os versos do primeiro poema de *Mensagem*, “O dos Castelos”: “A Europa jaz, posta nos cotovelos : / De Oriente a Ocidente jaz, fitando, / E toldam-lhe românticos cabelos / Olhos gregos, lembrando. (...) Fita, com olhar esfíngico e fatal,/ O Ocidente, futuro do passado. // O rosto com que fita é Portugal” (Pessoa, 1967:21).

⁶ Cf. transcrição da entrevista dada por Fernando Pessoa a António Alves Martins in Pessoa, 1986a: 699-704,

dará na alma da Nação o fenómeno imprevisível de onde nascerão as Novas Descobertas, a Criação do Mundo Novo, o Quinto Império. Terá regressado El-Rei D. Sebastião”(Idem: 710).

Outro poeta português, amigo de Fernando Pessoa, partilhava os mesmos ideais, sebastianista e milenarista. Com efeito, Augusto Ferreira Gomes, que se interessava igualmente pelas doutrinas esotéricas, escreveu um livro de poemas intitulado *Quinto Império* e pediu ao seu companheiro de actividade poética e hermética para lhe escrever o prefácio. Editada no mesmo ano que *Mensagem* (1934), para a publicação da qual Ferreira Gomes contribuiu grandemente, essa obra beneficiou, pois, não só no prefácio, mas de um modo geral, da influência das ideias pessoanas sobre a questão que a inspirava. Logo no início do dito prefácio, Pessoa estabelece a diferença entre a tradicional divisão bíblica dos impérios, segundo a interpretação de Daniel do sonho de Nabucodonosor, e o esquema português, em que se trata de impérios espirituais e não materiais. O primeiro Império passa então a ser o da Grécia, o segundo o de Roma, o terceiro o da Cristandade e o quarto o “da Europa laica de depois da Renascença”, o quinto Império sendo o de Portugal (Idem: 712). A justificação desta sua esperança encontra-a Pessoa nas *Trovas* do Bandarra, “nome colectivo, pelo qual se designa, não só o vidente de Trancoso, mas todos quantos viram, por seu exemplo, à mesma Luz” (Ibid). Destas profecias deduz o poeta “que a Nação Portuguesa percorre, em seu caminho imperial, três tempos – o primeiro caracterizado pela Força (*Vis*) ou as Armas (*Arma*), o segundo pelo ócio (*Otium*) ou o sossego (*Quies*), e o terceiro pela Ciência (*Scientia*) ou a inteligência (*Intellectus*)” (Idem: 712-13). Partindo das Descobertas, continuando, depois de uma fase de decadência, até ao despertar na Luz do Quinto Império, Portugal percorre, no esquema pessoano apresentado no Prefácio, um caminho que o leva da conquista do mundo material, da abolição dos seus limites, a um sono que, neste contexto, podemos qualificar de iniciático, e que vai conduzir o país a um “acordar” luminoso, o da conquista espiritual de si e do mundo, vencidos os limites que, desta vez, são invisíveis. A figura à volta da qual se cristaliza este processo é, como vimos, a de D. Sebastião, “figura simbólica do Quinto Império e, no mesmo passo, de Portugal” (Idem: 714), e o instrumento deste mesmo processo a *língua*. Segundo Fernando Pessoa, a língua portuguesa adequa-se perfeitamente a essa função imperial, pois “das línguas ditas latinas é a portuguesa a mais rica e a mais complexa” (Idem: 724). Aparecerão então “homens de génio literário, escrevendo nessa língua, e ilustrando-a”.

O Quinto Império aparece então como uma síntese fecunda das energias do Intelecto e das do Espírito, como o próprio Pessoa o formula :

Assim temos que no Quinto Império haverá a reunião das duas forças separadas há muito, mas de há muito aproximando-se : o lado esquerdo da sabedoria – ou seja a ciência, o raciocínio, a especulação intelectual ; e o seu lado direito – ou seja o conhecimento oculto, a intuição, a especulação mística e kabalística. A aliança de D. Sebastião, Imperador do Mundo, e do Papa Angélico figura esta íntima aliança, esta fusão do material e do espiritual, talvez sem separação (Pessoa, 1979: 146)

E é esta mesma ideia que ressalta do poema de *Mensagem* “Ocidente”, em que o poeta relembra que os Portugueses descobriram o mundo “com duas mãos – o Acto e o Destino”, em que “no mesmo gesto, ao céu / Uma ergue o facho trémulo e divino / E a outra afasta o véu”. Estamos já perante o primeiro acto dessa aliança em que “foi Deus a alma e o corpo Portugal” (Pessoa, 1967: 66).

Patriotismo e misticismo encontram-se assim sempre ligados, realizando uma síntese superior no interior dos mitos recriados na e pela obra pessoana. Graças à magia da língua, à alquimia do verbo, Pessoa dá nova vida ao imaginário português, cristalizando-o uma vez mais em redor do Encoberto, que aparece como uma figura salvífica, o Imperador do Mundo por excelência. Transforma-se assim o poeta em profeta (o que se deduz da estrutura de *Mensagem*, em que Pessoa se apresenta no grupo dos profetas, em companhia de Bandarra e António Vieira), em visionário capaz de estabelecer uma ponte entre História e Transcendência. Utilizando os símbolos, tornando-os operacionais através do ritmo encantatório da palavra, o poeta pretende agir sobre o leitor e fazer advir esse novo mundo. Como bem viu Yvette Centeno, da *nigredo* de Alcácer-Quibir à *rubedo* da volta do Encoberto, passando pela *albedo* das Descobertas, a alquimia de *Mensagem* tenta transformar todo aquele que aceite seguir a mesma via e acompanhar as diferentes fases do processo alquímico, até chegar ao momento crucial que vai marcar o fim da Grande Obra, materializado pelas palavras : *É a Hora !*

Poucos meses antes de morrer, Fernando Pessoa parecia ter perdido definitivamente a esperança de que Portugal acordasse para um novo destino. Com efeito, em *Elegia na Sombra* o poeta dá largas ao seu desalento, ao sofrimento de ver assim a sua pátria incapaz de assumir

a herança do passado e o sonho do futuro : “Pesa em nós o passado e o futuro./ Dorme em nós o presente”. O desespero é patente na ordem que dirige, de modo reiterado, à “mãe Pátria”:

Dorme, mãe Pátria, nula e postergada,
E, se um sonho de esperança te surgir,
Não creias nele, porque tudo é nada,
E nunca vem aquilo que há-de vir (Pessoa, 1986b: 1187-92)

Identificando-se frequentemente o poeta com a Pátria, poder-se-ia inferir destes versos, escritos no final da sua vida, que, tal como Portugal, também ele, Fernando Pessoa, esperou em vão a realização do sonho de um destino excepcional que não surgiu no horizonte estreito da sua curta vida. Eternamente nostálgico de uma pátria que começou a sonhar desde que o navio que o levou para a África do Sul deixou o cais, de uma pátria que se confundia, num mesmo sentimento apaixonado, com a língua portuguesa (“minha pátria é a língua portuguesa”), Pessoa acreditara, ou tentara acreditar, que o seu regresso definitivo a Lisboa lhe permitiria alçar à mesma dimensão paradisíaca a recordação da sua infância irremediavelmente perdida e o destino do país que reencontrava. Esta saudade do futuro marcará para sempre a sua vida e a sua obra, poeta grande demais para se contentar com a pequenez de uma só personalidade e de um país limitado às suas fronteiras naturais. Não admira, pois, que o Império por ele imaginado não fosse apenas nacional, mas universal : “Temos, primeiro, que alargar o conceito de império ; sem isso não é ele digno de se profetizar a respeito dele, ou, a profetizar-se, a profecia é estreita, nacional, quase sectária” (Pessoa, 1979: 147). O Quinto Império será o único a responder a esses requisitos de universalidade que exigia a ideologia da época : “a universalização da civilização europeia é forçosamente o mister do Quinto Império” (*Idem*: 148).

Antes de Portugal poder realizar essa obra de alcance universal, Pessoa prediz que “se reconstituirá a íntima unidade da Ibéria, através de Portugal, se derrotará finalmente o catolicismo (outro dos elementos estrangeiros entre nós existentes e inimigo radical da Pátria) e se começará a realizar aquela antemanhã ao Quinto Império” (*Idem*: 191). Encontraremos um eco destas palavras na *Mensagem*, nessa “madrugada irreal do Quinto Império”, que vai situar o mito na sua verdadeira dimensão, a da poesia. Nesse universo que é verdadeiramente o seu, Fernando Pessoa imagina um Quinto Império servido por novos cavaleiros de Cristo, que falam a língua do Mistério, e obedecem aos desígnios da Providência. Conquistadores do Além, esses “Poetas, ou Santos ou Heróis” proclamam “o Portugal feito Universo”, esse

Portugal escolhido por Deus (Pessoa, 1967b: 212-215). Nacionalismo com uma janela aberta para o mundo, desejo de ultrapassar as barreiras de uma realidade essencialmente insatisfatória, necessidade de libertação pessoal, o sonho utópico de Pessoa está intimamente ligado ao seu *mal de vivre*, à sua profunda melancolia. Em *Mensagem*, ela exprime-se no poema que segue as profecias de Bandarra e de Vieira : *Screvo meu livro à beira – mágoa* é um grito de dor que culmina num apelo do poeta a D. Sebastião para que o venha “despertar do mal que existe / A Nova Terra e os Novos Céus” (Pessoa, 1967:93). Essa “Eucaristia Nova” trar-lhe-á a revelação tão esperada, a redenção em que matéria e espírito se verão unificados, como se, neste poema, estivéssemos perante a fase final de um processo iniciático que o poeta vive paralelamente com D. Sebastião. O Quinto Império funcionaria então como um símbolo regenerativo e salvífico, fora do espaço e do tempo, “operacional” independentemente do lugar e da hora. Estamos diante de uma forma de nacionalismo místico, em que a construção onírica ocupa uma função importante e em que a crença no mito é o factor essencial, mesmo se a sua realização é, por definição, impossível. Paradoxo fundamental, mas que deve ser compreendido como sendo, a um tempo, inerente ao mito e ao poeta que o recia.

Quando partirá Portugal à conquista das Novas Índias, eis a pergunta implícita tanto em *Mensagem* como em grande número de escritos pessoanos. Nestes não faz Fernando Pessoa mais do que transformar, poetica e miticamente, as certezas inabaláveis de Vieira : “Portugal será o assunto, Portugal o centro, Portugal o teatro, Portugal o princípio e o fim destas maravilhas, e os instrumentos prodigiosos delas os Portugueses” (Vieira, 1983: 30). Será *Mensagem* “a primeira Nau que parte para as Índias Espirituais, buscando-lhes o Caminho Marítimo através dos nevoeiros de alma, que os desvios, erros, e atrasos da actual civilização lhe ergueram ?” (Pessoa, 1986: 648). Em todo o caso, “foi pelo Atlântico que fomos à procura da glória, à criação da Civilização Maior. É pelo Atlântico, mas em alma e espiritualização, que devemos ir em demanda da Civilização máxima !” (Pessoa, 1979: 224-25). Estas Novas Descobertas, esta partida em busca de uma nova Índia espiritual, só se pode conceber embarcando a bordo da nau criada pela poesia pessoana. O verdadeiro império português só pode ser conquistado no interior de uma visão mítico-poética como a de *Mensagem*, em que “o Império dos Descobrimentos e das conquistas não foi senão a antevisão ou sombra projectada adiante”. A obra permanece necessariamente incompleta (“Cumriu-se o Mar, e o Império se desfez./ Senhor, falta cumprir-se Portugal !”), a “madrugada do novo dia,/ Do novo dia sem acabar” ainda não clareou. A tentativa de *Mensagem* para acordar o povo português surge, pois, como algo de patético e de desesperado : “Quem é que dorme a

lembrar / Que desvendou o Segundo Mundo,/ Nem o Terceiro quer desvendar ?”⁷ A travessia do mar universal, infinito, é bem mais longa e difícil do que a do mar tenebroso. A obra de Fernando Pessoa é um testemunho dessa dificuldade, mas também da grandeza da aventura que consiste em navegar das Descobertas para as Novas Descobertas, da História para o Mito.

BIBLIOGRAFIA

Pessoa, Fernando (1923), *Revista Portuguesa*, nº23/24, Lisboa

----- (1967), *Mensagem*, Lisboa, Ática.

----- (1967a), “A última Nau” in *Mensagem*, Lisboa, Ática.

----- (1967b), “Quinto Império” in *Mensagem*, Lisboa Ática .

----- (1979), *Sobre Portugal*, Lisboa, Ática.

----- (1986a), *Obra Poética e em Prosa* (vol.III), Porto, Lello e Irmão.

----- (1986b), “Elegia na Sombra” in *Obra Poética e em Prosa* (vol.III), Porto, Lello e Irmão, pp. 1187-92.

----- (1987), *Obra Poética*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar.

Simões, João G. (1973), *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, Lisboa, Bertrand.

Vieira, Padre António (1982), *História do Futuro*, Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda.

----- (1983), *Livro antepreimeiro da História do Futuro*, Lisboa, Biblioteca Nacional.

⁷ “Antemanhã” in Pessoa, 1967:103.